



PRAÇA-MAIOR DE LIMA, PERU.

O PERÚ, cortado do norte ao sul, por dous ramaes paralelos da cordilheira dos Andes, mede em comprimento do Equador ao Chili cêrca de 365 leguas, e em largura entre 115 e 15 leguas, da cordilheira ao mar. Todo o territorio banhado pelo Oceano Pacifico é em geral agreste, inculto e despovoado, por consequencia. Os principaes portos na costa são os de Lambayeque, Calláo (porto de Lima) Islay, Arica, Payta, Huanchaco e S. José. A parte mais rica naturalmente, e a menos conhecida é a vertente da cordilheira que desce para as famosas campinas, *lezi-rias*, do Maranhão ou rio das Amazonas, e seus afluentes. Por este lado confina o Perú com o imperio do Brasil. Quando os peruvianos, voltando toda a sua energia e intelligencia, até hoje gastas em desgraçadas luctas civis, derem a attenção necessaria e devida a este grande e magestoso rio, e procurarem tornal-o navegavel em toda a sua extensão, empresa que aliás não apresenta difficuldades que possam considerar-se insuperaveis, não só o mesmo rio se tornará um dos principaes meios de communicacão d'aquelle paiz com os europeus, mas tambem se conseguirá povoar de gente valida e laboriosa, regiões de uma fertilidade e riqueza incriveis, até agora quasi inteiramente desaproveitadas.

Ao sudoeste o Perú é separado da Bolivia pelo rio Desaguadero e o lago de Titicaca. Nas suas vastas campinas incultas pastorêa o indio ignorante e descuidoso numerosos rebanhos de lamas e alpacas, ani-

maes utilissimos, que talvez conviesse naturalisar em Portugal, porque produzem uma lâ finissima, muito superior a todos os respeitoos á lâ de carneiro, geralmente empregada nas fabricas de lanificios. Os terrenos cultivados produzem algodão, trigo, milho, batatas e vinho. A população peruviana eleva-se a 1.373:736 habitantes, segundo o *Guia de Forasteros da Republica Peruana*, do sr. Carrasco, e a 1.400:000 segundo o *Anuario dos Dois Mundos*.

Esta população, insignificantissima em relação á immensa area do territorio, compõe-se de brancos, descendentes dos conquistadores hespanhoes, de indios e de negros, e é repartida por 11 departamentos, divididos em 65 provincias, e estas subdivididas em districtos e parochias. Os departamentos distinguem-se pelas seguintes denominações: Amazonas, Libertad, Anchas, Junin, Lima, Huancavelica, Ayacucho, Cuzco, Punho, Arequipa, Moquegua. Cada departamento é governado por um preleito, que accumula as funcões civis, administrativas e militares.

A ultima constituicão politica do Perú foi approvada e publicada em Huancayo, a 10 de novembro de 1839. Esta constituicão estabelece os tres poderes, *executivo, legislativo e judicial*, e garante a sua independencia relativa. O poder executivo é exercido por um presidente eleito, pelo suffragio universal, por tempo de seis annos, que nomeia os seus delegados nos quatro ministerios seguintes: — *interior, ins-*

NOVEMBRO 13, 1852.

truição publica e beneficencia; exterior, justiça e negocios ecclesiasticos; guerra e marinha; fazenda. O poder legislativo é confiado a um congresso formado de duas camaras — deputados e senadores — cujos membros são eleitos igualmente pelo suffragio universal. O poder judicial é exercido por um tribunal supremo, estabelecido em Lima, por tribunaes superiores, ou de *appellação*, existentes em cada uma das capitães de departamentos, por juizes de primeira instancia, e por juizes de paz nos districtos. Ha tambem tribunaes especiaes de commercio, de minas, de aguas, de prezas, e dos dizimos.

A religião do estado é a catholica apostolica romana, e a ordem ecclesiastica no Perú comprehende um arcebispo, o de Lima, cinco bispos, os de Trujillo, Chachapoyas, Ayacucho, Cuzco e Arequipa, o clero secular para o serviço das parochias, e o clero regular, que ainda é bastante numeroso. Todos os proventos ecclesiasticos têm origem nos dizimos.

A força militar compõe-se do exercito activo, ou de *linha*, e da guarda nacional. O exercito de linha é formado de um estado-maior de 29 generaes, e de 6 batalhões de infantaria, 3 regimentos de cavallaria, e uma brigada de artilheria. O modo por que este exercito tem sido recrutado, a pouca instrucção da sua officialidade, e a insaciavel cubiça de muitos dos seus generaes, constituem-no, em vez de um elemento de paz e segurança publica, o principal movel de quantas revoluções tem dilacerado aquelle paiz.

O actual presidente é o general D. José Rufino Echenique, homem estranho a todas as luctas civis; diz-se ser dotado de superior intelligencia, e outros dotes que o tornam digno da tão elevada magistratura que os seus concidadãos, quasi unanimemente, o chamaram a exercer.

A capital da republica é Lima. Esta bonita cidade está edificada na margem direita do rio Rimac, e a nove milhas da sua foz; na outra margem vê-se o arrabalde de S. Lazaro, que se communica com a cidade por meio de uma bem construida ponte de cinco arcos. A cidade tem duas milhas de comprimento, e apenas uma e um quarto desde a ponte até as muralhas; estas, que medem doze pés de altura, e dez de espessura na base, são construidas de uma especie de *adôbes*; no seu recinto abrem-se sete portas, e comprehendem-se tres baluartes, terminando na extremidade sudoeste pela pequena cidadella de Santa Catharina.

A antiga cidade dos reis, fundada, em 1534, por Pizarro, em dia de Epiphania, foi outr'ora o principal emporio da America no Oceano Pacifico, graças ao seu porto de Calláo, construido em 1779 de uma maneira singular. Mandou-se encastrar um velho navio de grandes dimensões, que foi cheio de pedras, de arêa etc.; depois cravaram-se-lhe em torno estacas de mangueira, que não apodrece na agua, mandadas de Guayaquil, e assim se conseguiu formar uma segura e excellente base sobre a qual se levantou o respectivo molhe.

O clima, mais temperado e agradável que o de Carthagená e da Bahia, na costa fronteira da America, a formosura das paizagens, e o trato urbano e cavalheiroso dos habitantes, constituem Lima uma das mais aprasiveis cidades do Novo-Mundo.

A nossa primeira estampa representa a *Praça-Maior*. Esta situada a mais de quatrocentos pés do nivel do mar, e n'ella vem desembocar algumas das principaes ruas da cidade. A *Praça-Maior* serve ao mesmo tempo de passeio, de bazar, de mercado e de feira. No pavimento inferior do palacio dos antigos vice-reis, que se vê em frente, estão estabelecidas lojas

de diversas mercadorias, e ao nivel do andar nobre corre uma bella galeria ou varanda, onde o povo póde passear nos dias de regosijo publico; a este da praça levanta-se a airosa cathedral, e no centro admira-se a bellissima fonte, construida em 1653 por diligencia do vice-rei conde de Salvateria.

A nossa segunda estampa (pag. 365) representa um pastor indio vestido com o célebre *puncho*, especie de manta de côres brilhantes, que se usa como póde vêr-se da referida estampa; dá uma idéa aproximada dos *cobrejões* ou mantas castelhanas, muito estimados entre nós.

INSTRUÇÃO PUBLICA.

ILLUSTRAÇÃO DO EXERCITO.

CONVIDADOS a escrever algumas linhas n'este album popular, cujos fastos estão tão inteiramente ligados á nossa historia litteraria contemporânea, com quanto hesitassemos de principio, obedecemos por duas razões. A primeira, e por certo a mais attendivel, o objecto sobre que tinhamos de escrever; pois havemos por verdadeiro que a boa semente ha de sempre produzir bom fructo, ainda que tambem não desconhecemos que a proporção do fructificar está na razão do cultivo; apezar d'isso, não nos fez, nem fará jámais recuar, o aventar uma boa idéa, só porque poderia ser mais bem tratada por outrem; o optimo é inimigo do bom; e já no seu tempo lamentava Seneca estes interminaveis adiamentos em que se escoa a vida.

A segunda razão parecerá sem duvida do genero d'estes classicos preambulos, em que o auctor se voltava para o seu publico, implorando a indulgencia do leitor benevolo, e a absolvição de todas as incorrecções, que já de antemão e artisticamente exagerava.

Todavia, fallando desapaixonadamente, a duas se se reduzem as especies de relações que ha entre jornaes e collaboradores:— quando aquelles se ornã com nomes conhecidos e apreciados pelo publico, e n'elles estabelecem sua principal recommendação;— ou quando apresentam artigos firmados por nomes, cuja principal recommendação é a boa companhia em que se encontram. Sem duvida alguma, estavamos no ultimo caso, e seria imperdoavelmente descortez o rejeitar convite para terreiro em que se ía apparecer tão bem acompanhado.

I.

É do exercito que vamos fallar; é ao soldado, e do soldado que vamos dizer algumas poucas palavras com a mão na consciencia, e com a consciencia tambem de que não haveremos por perdido o nosso tempo, nem elle o seu. Não é ao soldado a quem um dos maiores guerreirões e escriptores d'esta idade, e a maior de todas as mulheres, marcaram com o ferrete epigrammatico do sarcasmo, que traduzia a amarga opinião, que ainda um dia porventura se ha de dissipar de todo da face da terra.

Com effeito o soldado como *machine à fusil*, ou como *de la chère à canon*, já moralmente não póde existir hoje. Frederico o grande e Madame de Stael quando viam o militar a uma luz tão pallida e soturna, não encaravam a questão com as proprias idéas; traduziam, *fazendo espirito*, uma triste condição que não podia durar já muito. Ambas aquellas intelligencias superiores não puderam de certo

vér, sem se condoerem, o mocinho imberbe que deixa pae e mãe por tarimba e rigores de estranhos; mais tarde, o instrumento cego de machinações, que o mais das vezes nem chega por longe a conhecer; ora, symbolo venerando de abnegação absoluta, mutilado, nadando no proprio sangue, que vae misturar-se com o do camarada a quem já tributava affectos de irmão; ora arrojado á valla, erma de lagrimas e orações, e cifrado n'um algarismo commum que explica a sorte de uma campanha ganha com a morte de mil victimas obscuras, a quem sumiu o mesmo ferro que foi plantar uma arvore tambem perecedoura muitas vezes, e não quantas criminosa!

O soldado *pasto de canhões*, o soldado *machina de matar*, é já agora impossivel; é anachronico no seculo dos caminhos de ferro; na epocha em que se apertam de dia para dia as relações entre todos os povos; n'este viver das nações d'hoje, onde a diplomacia e não a estrategia decidem dos seus destinos; n'este mundo que já não promette nem tolera conquistas; n'esta vespera do grande dia da civilisação, em que a intelligencia tem de dominar esplendida, em que o pensamento ha de ser commungado por todos, quasi no proprio instante em que brilhar n'um cantinho da terra; em que as idéas hão de tornar-se propriedade commum, ora tão breve como o vapor que as escreve e arrebatá para distancias incriveis, ora tão momentaneamente como a electricidade que as atrá para outro hemispherio.

E o soldado será porventura o desherdado n'este farto banquete do entendimento? Ha de ser por acaso o filho prodigo, a chorar com fome e sede intellectual entre as asperezas do mister para que o arrancaram?

O soldado, que foi legado ás sociedades modernas pelas convenções, ou antes desconvenções d'outr'ora, não ha de participar do mesmo pão do espirito que com todos, pequeninos e grandes, se reparte? não tem de gosar da mesma luz e calor que para todos arde e resplandece?

Deve-se-lhe dar muito d'este calor, que longo ha sido para elle o inverno; as geadas tem-lhe branqueado as cabeças ha muitos seculos estereis, não por natureza, mas por mingua de um estio. Deve alegrar-se com a mesma luz que brilhar para todos, porque, entre os gelos de tantos annos de peregrinação, havia muitas trévas. O soldado vem de muito longe; tem visto muito, mas entre o barafustar de aríetes em golphãos de pó, e através dos nevoeiros da polvora; tem ouvido muita cousa, mas tudo confundido no troar de artilherias e arcabuzes. Carece de luz mais suave e creadora em que lhe repousem os olhos deslumbrados pelos clarões que vomita o bronze; precisá de calor mais brando e restaurador, que lhe refocille os membros exhaustos pelas fadigas das marchas, abrazados nas lides e fraguas da guerra.

A historia, essa arca onde se vão guardando alfaias d'avós, e aonde filhos e netos revolvem á vontade, lá reserva os exercitos com todos os seus attributos de violencia e força. E (longe, e bem longe!) ainda ha de vir um dia em que eruditos e antiquarios, ao procurarem n'essa espaçosa arca de desavenças passadas documentos de antigas anomalias, hão de admirar o soldado como objecto de curiosidade. Hão de perguntar entre si, para que serviam exercitos, como nós hoje perguntamos para que se levantaram pyramides, ou levamos á conta de fabula as lendas da cavallaria andante.

Espiritos altamente humanitarios tem concebido a formosa utopia da abolição dos exercitos em nossos dias. Cremos tão firmemente em que o congresso da paz tem de ser um dia todo o genero humano,

como em que por largo tempo continuarão a morrer sem triumpho quantos esforços fizer n'esse sentido. Não muda assim uma organisação inveterada, posto que antiphilosophica. Hoje, é utopia innocente, e com que todos sympathisam; mas utopia que não bastam para realisar-a os sinceros desejos dos que lhe dão cultos. Resume em si a maior de todas as revoluções sociaes, a revolução da paz; e essa não amadurece sem longa transição, e sem incalculavel concurso de elementos civilisadores que, directa ou indirectamente, a fomentem.

Mas o que não é utopia, e se já alguma vez o foi, hoje é recebido como idéa corrente em toda a parte, é a maxima illustração dos exercitos. Florecem as escolas polytechnicas, multiplicam-se as escolas especiaes, mantem-se collegios militares por essa Europa, temol-as, e possuimos estabelecimentos d'estes em Portugal; porém o que desejaríamos cá, como lá o são, é melhores ainda, é as humildes, mas importantissimas escolas regimentaes.

As escolas superiores, os institutos militares não são para o soldado plebeu, para o soldado-povo. Perdoe-se-nos a novidade do termo, mas ninguem póde conceder que soldado e povo não seja uma e a mesma cousa. A differença não constitue genero diverso. Soldado e povo, são duas entidades, que a infancia e adolescencia reuniram, e que a velhice e a idade madura hão de igualar. Um, adquire e augmenta a propriedade; outro, guarda-a e mantem-lhe o respeito dos estrangeiros. E só quando o universo formar uma unica familia, só quando não houver, por assim dizer, estrangeiros, quando as relações entre todos os povos forem de conterraneos e irmãos, se esse doirado sonho se verificar, é que o soldado tem de ser uma reminiscência e nada mais.

Porém o soldado d'estas eras, é o homem dos campos, a quem deu um porte mais distincto o tirocinio da recruta; é o operario, que deixou a ferramenta para pegar n'uma arma, porque a patria lh'o exigiu; é o filho do pescador, que largou rédes e barco para guarnecer fortalezas; é o servo, que foi servir a nação; é o moço sem arrimo, a quem a farda offereceu um pão honrado; é o adolescente, que encetára uma vida criminosa, obrigado pela miseria, e a quem a nação educou, perdoando-lhe o primeiro delicto ao pedir-lhe um juramento solenne, que para logo o constituiu cidadão portuguez.

E, attente-se bem n'isto, a estes, e a todos, espera-os nas armas uma vida com muitos ocios; um desterro sim, porém na mesma terra da patria. São alguns annos de quasi absolutas ferias de suas antigas profissões; é um marco a dividir-lhes a carreira começada, mas que d'ella os não separa, e para que se lhes permite voltar, se era honesta. Foi creado entre as lidas da industria, o soldado para ellas tornar-se mais experiente pelos annos, e pelo trato com os outros homens com quem conviveu em communitade; terá aprendido a obedecer, e por conseguinte mais apto será para se fazer respeitar; deram-lhe valor que não conhecia, e a todo o tempo o fará valer, se o bem da sua terra reclamar que troque o arado ou o martelo pela espada ou pela bayoneta. Levará habitos d'ordem, que lá lhe hão de aproveitar quando tornar a entrar na officina, ou quando fôr chefe de familia. Entrou para o serviço com quantas verduras lhe soprava a idade dos desconcertos, irá homem feito abraçar os velhos da sua aldéa, beijar as mãos que o embalaram, reconhecer os campos onde primeiro viu nascer o sol; irá renovar na igreja do seu casal as praticas religiosas que a vida militar lhe não deixou esquecer; e contrahir, talvez, junto ao mesmo altar onde lhe puzeram o nome e o fizeram

christão, novos laços mais indissolúveis, novo juramento, para servir a patria como bom cidadão, como bom esposo, como bom pae.

E a que vem tudo isso a proposito das nossas escolas regimentaes? — Muito.

Como tereis o soldado educado? Pela violencia? pelo constrangimento? pelos exemplos de respeito hierarchico? pelo inexoravel das ordens? pela absoluta necessidade de se ellas cumprirem? Tudo isso produz a subordinação. D'isto, e d'outros elementos de ordem, de decisão, de disciplina, resulta o desenvolvimento physico e moral d'onde dimanam tantas virtudes militares; com tudo a educação do espirito, que é a instrucção, e a do sentimento, que é a subordinação e disciplina moral do coração, não se adquire na milicia, só com o ambiente que ali respira a alma.

E nas escolas regimentaes que se póde beber; é ali que se completa o que o quartel jámais poderia dar.

Teriamos nós conduzido o discurso até aqui para pedir a criação de escolas regimentaes, como quem recommendasse uma novidade que se devia introduzir? Não foi esse o nosso intento. Escolas regimentaes havemol-as nos corpos do exercito.

Quizeramos demonstrar, se porventura carece de demonstração, que tem tanto alcance as simples escolas primarias dos regimentos, como as que para paizanos sustenta o estado por todo o reino.

Ainda para estas, como para todas, é inteiramente applicavel a sentença immortal de lord Brougham: "*D'ora em diante, é o mestre-escola, e jámais o canhão, que ha de ser o arbitro dos destinos do mundo.*"

O professor é a escola, é o germen das mil applicações uteis que os seus alumnos ali forem ganhar para si, para o estado, para a familia, para a moralidade publica, para a civilisação. O professor é para a escola, o que a alma é para o corpo; o professor é o methodo; é a boa execução do systema d'ensino adoptado; é a continuação das praticas de subordinação e disciplina, que ainda ali se devem manter, mas despidas de rigores; o professor é o bom conselho; é o respeito mantido não só pelo posto, porém, mais e muito mais, pelo amor, pela gratidão; é o merecimento a premiar merecimentos e aptidões, propondo e apresentando como dignos de promoção e recompensa os discipulos mais applicados.

A escolha do mestre é portanto muito attendivel.

É por certo dos quadros mais bellos o que apresenta uma escola regimental bem dirigida. A docilidade, tão propria da innocencia e da infancia, vê-se ali combinada com a austeridade do viver marcial, com a robustez e vigor dos movimentos. Os sorrisos da meninice a assomarem em labios e rostos crestados de trabalhos. É o complemento da educação militar.

Quizeramos, e comosco todas as pessoas sensatas que tiverem reflectido, ao menos uma vez na sua vida, na importancia que tem estas escolas, que os methodos mais expeditos, sejam ali os preferidos, (1) para que o aprender não aborrega a homens, o que acontece com methodos pesados e ronceiros; para que essas horas que o soldado destine ao estudo, dêem para as muitas applicações uteis do lér; porque bem claro está que saber lér só por si é meio e não fim.

Quizeramos que as escolas regimentaes não fossem facultativas, mas obrigatorias; salvo aos que tives-

sem mais de 30 annos, para quem seriam facultativas então.

Quizeramos que, além das primarias elementares em cada corpo, houvesse tambem as primarias superiores, para officiaes inferiores, e para todos os alumnos que não carecessem de frequentar as primarias.

Quizeramos que umas e outras fossem reguladas convenientemente, pois que mal avisado é deixar ao arbitrio dos mestres o regular cada um a sua escola. A uniformidade do ensino produz a das idéas; esta, a unidade nacional, de que é congenita a opinião publica; e se isto é uma verdade em instrucção, não são as escolas militares de diversa natureza para que não deva ter para com ellas a geral interpretação.

Ninguém nos levará a mal ousarmos dizer-tão francamente o que sentimos ácerca d'este ramo de ensino publico.

Repetimos: instrua-se o soldado-povo, e uma grande massa popular, e em breve a maioria da nação, possuirá aquelles conhecimentos elementares que não é licito ignorar.

O exercito é, e ha de ser sempre, em quanto houver exercitos, como um lago entre dous rios, alimentando-se d'um, e engrossando e alimentando tambem o outro.

D'entre cem homens, escolhei-me vinte que não tenham ainda militado?

Prosiga-se, insista-se n'esta idéa; e o soldado não deve ser mais o obscurissimo *pasto de canhões* (de la chère à canon) porém a gloriosa machina de civilisar, o apostolo do progresso.

NOTA FINAL.

Esta preferencia já hoje não faria hesitar pessoa alguma. Decididamente a superioridade do methodo de leitura do sr. A. F. de Castilho está comprovada até á evidencia. Já não era recommendação para desattender-se um nome como o do seu auctor; porém elle exigiu de si mesmo, e da invenção que offerecia ao seu paiz as ultimas provas; porque se tratava d'um objecto muito serio e muitissimo positivo. Contraprovou-a em escolas de todas as idades, e de ambos os sexos, e finalmente em escolas militares.

Quem ignora hoje em Lisboa, e em todo o reino o que são os *Asylos de Infancia desvalida* desde que a leitura repentina ali foi introduzida e praticada?

Quem não sabe o que é a escola regimental de lanceiros da rainha, donde copiámos o nosso professor soldado do benemerito alferes Dias da Silva, e os nossos alumnos militares, dos d'aquelle corpo? Na guarda municipal de Lisboa lá está outro modêlo, e outro modêlo de commandantes, bem como o sr. coronel Maldonado de lanceiros, o sr. barão de Francos, que emprega todo o genero de seducções para obrigar por nobre emulação, o que ainda não é obrigatorio. O regimento 16 a estas horas está começando trabalhos que lhe não hão de ser menos honrosos que os de uma campanha.

E a guerra contra a ignorancia d'aquellas ultimas camadas sociaes d'onde se tirou o soldado-povo.

Na praça de Valença o sr. governador Frederico Leão Cabreira, e na d'Elvas o sr. brigadeiro Baldy perfilharam o *Methodo-Castilho*. Em Coimbra, ajuntam-se as praças de infantaria 9 com os pobres e desvalidos, para quem homens philanthropos abriram uma escola gratuita.

O exercito é sem duvida a maior garantia d'um systema d'ensino que se funda no rithmo, e na certeza dos movimentos, sem fazer authomatos como o do *Ensino mutuo*. Em compensação, é este metho-

(1) Veja-se a nota no fim d'este artigo.

do ameno que falla á imaginação, e que liberta o espirito, solida garantia tambem da illustração do exercito, tornando appetitoso o que d'antes era monotonico, e dando horas de util recreio para mestres e discipulos. Nos quartéis d'ora ávante, o clarim ou a trombeta que annunciar a escola é o signal da reunião cubiçada, do verdadeiro folgar, e para melhor dizer, da libertação do espirito, e das centenas de espiritos que ali se vão fortificar e robustecer n'aquella gymnastica do entendimento.

Consta-nos que o nobre marechal duque de Saldanha (que ha dias, bem como todo o ministerio, honrou com a sua presença as provas publicas que o sr. Castilho deu do seu methodo) tenciona mandar que na escola de lanceiros se forme uma especie de escola normal militar para todo o exercito.

Quem não vê n'isto um grande passo para a nossa civilisação?

LUIZ FILIPPE LEITE,

Director da Escola Normal Primaria de Lisboa.



PASTOR PERUVIANO.

(Veja-se o primeiro artigo d'este N.º, no fim.)

APONTAMENTOS DE VIAGEM.

UMA HISTORIA NO BUSSACO.

CHEGAMOS á fonte fria. Era o sitio aprasado para o meu poeta me contar a historia que tanto excitára a minha curiosidade.

De um reconcavo em rocha viva rebenta a veia nevada e chrystalina d'agua, que vae derivando por um encanamento de pouca extensão, e caíndo depois mais rapida pelo declive da montanha até o fundo do valle.

Repousar á sombra d'aquelle arvoredado gigante e espesso, depois de se terem caminhado quatro leguas a cavallo pelo sol ardente de um dia de maio, é das cousas mais agradaveis que na vida se pódem experimentar.

Um agiota, ou um homem politico, que são os entes mais semsaborões e mais positivos d'este mundo, se se encontrassem n'aquelle logar, estou certo que haviam de sentir um raio fugitivo de poesia illuminar-lhes as almas devastadas e enegrecidas pelos calculos repugnantes da usura, pelas abjecções e vilanias que por ali se alcunham de luctas politicas.

Dos politicos, dos agiotas e de todo esse bando de fastidiosos animaes, que estamos condemnados a supportar e a vêr todos os dias, nos não lembravamos nós n'aquelle momento.

— «A historia, a historia do frade» — exclamei eu assim que chegámos ao logar aprasado.

— «Espera, deixa-me descansar um instante, e accender este cigarro... Olá, camarada, tem lume?» disse elle para um veterano que nos servia de cicerone. — «Prompto, meu patrão, ahí vae já.» — Quando nos veiu dar a isca accesa, o santo velho levou a mão ao boné perfilando-se respeitosa-mente. O meu amigo respondeu-lhe por um gesto que mostrava certo conhecimento das etiquetas militares. Eram reminiscencias do tempo da *Maria da Fonte*, durante o qual elle exercêra honrosamente o posto de major de voluntarios.

— «Isto são pouco mais de dez horas... até as quatro, temos tempo: conta-se a historia e fuma-se» — disse eu, arrancando com toda a ancia uma longa fumaça de um máu cigarro do *contrato*, mas que n'esse momento me estava sabendo melhor do que um legitimo *havano*.

— «E verdade, conta-se a historia,» — respondeu o meu amigo recostando-se voluptuosamente sobre o musgo que vestia as raizes carcomidas e seculares de um agigantado cedro.

I.

«Na minha aldeia, no anno de 182... havia duas familias, ambas de illustre ascendencia, e que viviam ali com o modesto rendimento de alguns predios rurais que tinham escapado ás extravagancias de seus maiores.

Uma das familias era realista, a outra constitucional. A realista compunha-se de mãe e de um filho. O seu chefe perea, assassinado pelos liberaes no meio dos tumultos civis que precederam a reacção de 1823. Pae, mãe e uma filha constituíam a outra. Houvera ali tambem um filho; mas esse morrêra enforcado por se achar cúmplice n'uma conspiração liberal.

Já vês que nenhuma d'ellas podia deixar de ter no fundo do coração grandes odios ao partido contrario. Diante d'uma erguia-se a imagem do cadaver de um pae: diante da outra a do cadaver de um filho.

Ambas as familias conhecendo-se de nome, vivendo vizinhas, vendo-se a todos os instantes, vieram por fim a contrair relações. Em politica é que não fallavam nunca, nem podiam fallar. D. Afonso de Menezes era o nome do homem a quem tinham enforcado o filho por ser constitucional: Paulo o do mancebo a quem haviam assassinado o pae por ser

realista. Quando Henriqueta, mulher de D. Affonso, via Paulo ao lado de sua mãe, levando-a a passear á tarde por aquelles campos, amparando-a com o seu braço, affagando-a com as suas palavras, representava-se-lhe a querida imagem do filho, creança ainda, vindo alegre e descuidado arremessar-se-lhe nos braços, cobrindo-a de beijos, enchendo-a de caricias; e via-o depois, homem feito, subindo as escadas do patibulo, com a alva vestida, encarando orgulhosamente as turbas, e protestando em nome de Deus e das idéas contra aquelles que o sacrificavam. O extremo arranco da agonia do filho, parece que o escutava n'aquelle instante o atribulado coração da mãe. Oh! então despregava os olhos d'aquelles dous entes, porque nos desvarios da sua afflicção como que se lhe representava n'elles o partido que levára seu filho ao cadafalso.

Era, porém, momentaneo isto, e a sua alma, rica de abnegação e de bondade, reagia contra aquelles tenebrosos pensamentos. Tornava a cravar n'elles os olhos, e não raro exclamava banhada em lagrimas:

— «Tambem a *ella*, coitada, lhe assassinaram o marido; tambem a *elle* o deixaram, tão moço, sem pae.» — E assim ficava até que Luiza, a sua filha querida, lhe vinha saltar ao pescoço, e derramar, com feiticeiras caricias, balsamo consolador na larga ferida que lhe traspassava o coração.

II.

.. Luiza... Oh, se eu te pudesse fazer o retrato de Luiza! Imagina uma creança de quatorze para quinze annos, alta, elegante, proporcionada, flexivel como a hastea tenra de arbusto novo. Pallida, mas não de certa pallidez que revela uma saude debil: pelo contrario, o seu rosto, da alvura particular e aveludada da camellia, animando-se com a mais leve sensação, denunciava que um sangue puró girava por aquellas veias.

Se a visses doidejar como uma creança travessa por aquellas luxuriantes varzeas da minha aldéa, innocente, risonha, fresca, cheia de vida! Se a pudesesses contemplar ao bater das *Ave-Marias*, resando a poetica oração nos degraus d'aquella cruz, que se eleva a meia encosta, junto da qual estiveste já; se a pudesesses contemplar, com as mãos erguidas, com os olhos azues purissimos fitos no céu *bella, bianca vestita*, como diz o Dante, cuidarias ter diante de ti realisada uma das visões encantadoras que Shakespeare nos fez conhecer pelos doces nomes de Ophelia ou de Miranda.

Paulo fôra educado na côrte; seu pae, membro de uma das mais illustres familias de Portugal, consumira nos desvarios do grande mundo quasi toda a sua immensa fortuna.

Paulo tinha quinze annos, quando seu pae fôra assassinado; n'esse mesmo anno sua mãe viera com elle para a provincia, e ali viviam os dous desafogadamente com os bens que lhes restavam.

Quando o vi pela primeira vez era eu uma creança apenas; mas ficou-me tão vivamente impressa na imaginação a figura d'aquelle homem, que ainda hoje me parece que a estou vendo diante de mim. Os olhos eram negros e scintillantes como os de um arabe do Hedjaz ou do Yemen, a testa larga e prominente, as sobrancelhas curvas e bastas, o perfil grego, a boca graciosa e grave: pallido, excessivamente pallido, com uma grande expressão de melancolia derramada pelo semblante. Até hoje não tornei a vêr outra physionomia tão nobre como aquella. Nas linhas regulares do seu rosto quaesquer olhos descobririam á primeira vista os dotes de vasta in-

telligencia, de vontade inabalavel, de nobreza de caracter em grau difficil de encontrar. Quando Paulo viu Luiza pela primeira vez, era ella uma creança ainda. Tinha onze annos. Quatro annos decorreram sem que entre ambas as familias existissem outras relações que não fossem as de simples delicadeza.

Uma noute que D. Affonso de Menezes recolhia para sua casa, foi assaltado por um bando de homens, agarrado sem que pudesse resistir-lhes, e ía a ser assassinado no momento em que Paulo, passando a cavallo, veiu como um relampago sobre elles, e conseguiu salvá-lo. D. Affonso, que era um nobre caracter, votára agradecimento eterno a Paulo; comtudo havia momentos em que elle quizera antes ter morrido do que dever a vida ao braço de um realista.

Desde essa noute as duas familias principiaram a viver nas mais estreitas relações. Luiza tinha quinze annos então.

III.

O coração de Paulo alimentava dous poderosos sentimentos, a amizade e o odio; a amizade a sua mãe, e o odio aos homens que tinham apunhalado seu pae, embora elle, livido, banhado de sangue, no meio dos paroxismos da morte, lhe houvesse implorado perdão para os que o tinham cobarde e cruelmente assassinado.

Mas Paulo não perdoára: o sentimento da vingança lá lhe estava no mais fundo do peito, e elle esperava, aparentemente tranquillo, a hora de o poder satisfazer, porque sabia qual era a mão que descarregára o golpe sobre o coração d'aquelle que lhe havia dado o ser.

De outros quaesquer sentimentos estava a sua alma virgem. O amor... oh! esse existia para elle em sonhos; apparecia-lhe nas fórmas de creatura bella, de olhos languidos, de sorriso angelico, de vestes brancas, que vinha sentar-se-lhe ao pé horas e horas, olhando para elle meigamente, dizendo-lhe palavras incompreensíveis, mas arrebatadoras. O amor, como todos nós o sentimos aos quinze annos, sentia-o elle já depois dos vinte cumpridos; isto é, vago, mysterioso, phantastico, como tudo quanto sonha a nossa imaginação.

O ente que realisasse n'este mundo os seus sonhos, com que energia, com que virgindade havia de ser amado por aquelle homem!

IV.

Quando Luiza encontrava Paulo fazia-se vermelha como a romã. Elle seguia-a largo tempo com os olhos, em quanto ella corria por aquellas varzeas, pulava pelas margens d'aquelle rio, ligeira como a gazella, virente como o lyrio, candida como a pomba.

Uma tarde Luiza e sua mãe foram com a mãe de Paulo até a igreja de Nossa Senhora do Monte, que se abre para dar a festa dos trabalhadores, e que fica á meio d'aquella grande encosta, como tu sabes.

Era na primavera: não havia um talho de terra, que na minha abençoada aldéa não estivesse coberto de relva e de flores.

A madre-silva pelo vallado, a murta florida pelo mato, a rosa agreste pelas campinas, exhalavam aquelles suaves perfumes, que aspirados na brisa fresca de uma bella tarde de abril nos embriagam suavemente os sentidos, e nos trazem á imaginação as scenas magicas da nossa infancia, e os dias felizes da nossa mocidade.

Paulo chegára mais tarde á igreja, e sentado no adro esperava por ellas, contemplando o firmamento que se esmaltava para o lado do poente de nuvens caprichosas e variamente córadas pelos ultimos resplandores do sol.

Sentiu um ligeiro rumor de roupas ao pé de si: voltou-se. Era Luiza.

Ambos ficaram por momentos calados; depois ella, tremula, vermelha, perturbada, disse-lhe:

— «Porque está triste? Não gósto de o vêr assim... já nos conhecemos ha tanto tempo e...»

— «É afflige-a a minha tristeza, Luiza?»

— «Se soubesse...»

— «O que?»

— «Nada...» respondeu ella, fazendo-se escarlate como uma rosa de cem folhas.

N'este momento vinha saíndo a gente da igreja: Luiza foi a correr para dentro; Paulo deixou-se cair sobre os degraus da cruz, pallido e vacillante como se uma vertigem o tivesse deslumbrado.

(Continúa.)

R. A. DE BULHÃO PATO.

THOMAZ ANIELLO (MASANIELLO.)

(REVOLUÇÃO DE NAPOLES EM 1647.)

ERA sob a pressão de tantos males, e estimulada pela dôr de constantes violencias, que a multidão tomava as armas, e levantava em fim a voz imperiosa. Agglomerando-se no mercado e fazendo conselho entre si, os populares elegeram para seu capitão a Aniello Petrone, homem de grande sequito e de animoso espirito. Este começou por soltar os bandoleiros, que estavam em ferros; mas apesar da boa vontade, que aparentava, as desconfianças sobre a sua lealdade tornaram-se vehementes, e os mesmos que o tinham elevado, depozeram-no como parcial conhecido do duque de Matalona. Foi em seu lugar que entrou Thomaz Aniello de Amalfi, auctor do movimento, mancebo de vinte e dous annos e pobrissimo pescador á linha, que não possuia nem um valor infimo de que pudesse tirar dous palmos de rêde! Investiram-no depois de nomeado nas faculdades precisas para governar as armas, e deliberar a execução das cousas essenciaes ao serviço da cidade, e prometteram-lhe auxilio e obediencia.

Masaniello, sem despir os trajos vis que o cobriam, congregou o povo, e em assembléa, dictaram-se diversas ordens, assumindo elle quasi a auctoridade de capitão general. A mais importante das suas providencias foi a pena de morte decretada contra quem matasse ou roubasse, valendo-se da publica agitação. Seguiu-se dirigir aviso e convocação ás terras proximas, pedindo-lhes ajuda, favor e correspondencia. Por ultimo, considerando que a gente era muita e as armas poucas, resolveu apoderar-se das da cidade, investindo o posto de S. Lourenço, aonde se guardavam. Debalde! A nobreza tinha-o reforçado com cincoenta soldados hespanhoes, sob o commando de Biagio de Fuseo, logar tenente. O combate foi breve, e assim mesmo custou a vida a um plebeu e a dous frades de S. Lourenço. O povo retirou-se, e o seu chefe passou a pôr em pratica outras medidas. Mandou pois que se buscassem as armas pelas casas dos cidadãos e mercadores d'ellas; e assim colheu muitas promptamente, sobre tudo nos armazens de João André Massollo, genovez, aonde acharam para cima de tres mil, com todos os adereços pertencen-

tes ao fornecimento real, e que não estavam já entregues, porque o negociante recusava dal-as antes de receber o dinheiro. Apenas Masaniello se viu provido de armamento, repartiu-o por companhias que formou, nomeou os cabos, e entendeu em todas as outras disposições de guerra, que podiam concorrer para a segurança da defesa, e para estimular os brios á revolução. O applauso e a estimação que soube ganhar grangearam-lhe a maior influencia. O povo, que em mangas de pé e de cavallo discorria pelas ruas, executava as suas ordens fielmente, e vendo-o cuberto como andava com os andrajos da pobreza, reverenciava-o, como se a corôa de rei lhe cingisse a cabeça em vez do barrete vermelho dos pescadores de Amalfi!

O duque de Matalona tinha sido preso logo no dia 8 de julho pelo governo, como suspeito de fautor ou de cúmplice nos tumultos da cidade. Este rigor pareceu grande erro a alguns dos conselheiros do vice-rei, e instaram para que o soltasse na certeza de ser o unico homem capaz de desarmar a rebellião, destruindo o chefe, por meio das intelligencias que trazia no mercado, e do poder que Petrone, seu cliente, conservava entre a gentalha, contando mais de trescentos bandoleiros e outra infima relé, que o seguia. O duque dos Arcos accedeu; propoz-se o pacto ao preso d'estado; e Matalona não hesitou em o aceitar. Passadas algumas horas o fidalgo italiano passeava solto pela cidade no meio do pasmo de quantos sabiam o aperto do carcere, em que jazia, e ignoravam a secreta convenção, com que obtivera a liberdade. Quasi ao mesmo tempo os populares, indo tirar a polvora de um deposito perto da praia, descuidaram-se, o fogo pegou, e houve uma explosão, em que morreram perto de sessenta pessoas, a maior parte curiosos, que estavam admirando a novidade.

Solicito em agradar ao governo, e em preencher as clausulas do pacto secreto, o duque de Matalona veiu no dia 9 ao mercado, com o pensamento de mandar assassinar a Masaniello, e achando a facção perigosa, de embaír o povo, socegando-o com falsas concessões. Para esse fim munuiu-se de um privilegio apocrypho, que fingia ser de Carlos V, pedido pela cidade. Apresentou-se, e fallou no sentido de aplacar as discordias com elle. Mas os credulos foram poucos. O maior numero receioso de ciladas, advertido pela experiencia, e justamente desconfiado da brevidade da soltura do duque, repelliu o diploma, tratando-o de mentira, e guardando á vista por todo o dia o emissario, que já principiava a arrepender-se do encargo que tomára; só pelo declinar da tarde é que o deixaram livre, intimando-o para que saísse e não voltasse com semelhantes mensagens, se queria evitar maior desgosto. A essa hora mesmo entrava na praça Carraffa, prior da Rocella, e alguns fidalgos a cavallo, trazendo um trombeta do vice-rei, e offerecendo tambem outro privilegio, declarando ser o verdadeiro privilegio de Carlos V. Chegando ao sitio aonde Thomaz Aniello estava com os principaes do povo, a cavalgada teve de se deter; e o papel examinado e convencido de falso serviu de corpo de delicto contra a má fé do governo e dos agentes, que enviava. A simplicidade do pescador de Amalfi ainda uma vez humilhou a astucia dos conselheiros aulicos, dando-lhes lições severas.

Adiantando-se com aspecto carregado e gesto nobre, Masaniello exclamou: «Não, vós não sois emissarios do vice-rei; sois apenas falsarios e embaidores pagos para traír. Não é possivel que o governo commettesse a infamia de vos mandar mentir e enganar em seu nome! Não vos conheço!» Dito isto,

voltou-lhes as costas, e ordenou que o trombeta fosse apeado, assim como os fidalgos, que não se escaparam pouco maltratados. O prior deveu ao seu character conciliador, e a sua conhecida probidade na questão da *gabella*, a segurança com que o deixaram retirar. Desfeito o primeiro trama, mas descoberto por elle o plano do governo, o chefe dos populares redobrou de vigilancia, e preparou-se para sustentar a lucta com vigor.

Algumas das freguezias do termo eram vagarosas em se mover, dominadas pelo temor dos hespanhoes, ou dirigidas pelos avisos da nobreza. Thomaz Aniello intimou-as para que se armassem immediatamente e acudissem ao mercado, assegurando que a sua deserção seria punida com o incendio das casas e das lojas de venda. Como o bairro de Chiaya, apesar d'esta ordem, por ser distante parecia disposto a não cumprir, enviou-lhe um recado em termos grosseiros e cheios de ameaças. Dentro de duas horas tinham obedecido todos, e perto de tres mil marinheiros e pescadores vinham engrossar as forças da rebelião. Seguiu-se a proscricção dos argentarios cúmplices nas extorsões dos impostos. A gentilha sedenta de vingança exigia-a em altos brados, e o seu cabeça, rude e devorado de iguaes paixões, nem queria nem podia conter o impeto á torrente. Formou por tanto uma lista de cento e vinte casas condemnadas a servirem de exemplo, por se terem enriquecido com o sangue dos pobres; e dadas as instrucções, e distribuidas as companhias, na seguinte noute soltou a cadéa ao tigre popular, e deixou-o cevar-se! As chammas, levantando-se ao mesmo tempo de differentes partes, os clamores, o ruido das armas e do estrago, offereciam um espectáculo tremendo. As fazendas e os moveis, que se encontraram, foram queimados ou atirados pelas janellas fóra; entretanto parece que nenhum roubo manchou de mais sombras as atrocidades d'esta scena lastimosa. O vento soprava fresco, e sacudia pelo ar as faíscas; os tectos desabavam com fragor; o clarão sanguineo dos incendios avermelhava as ruas e o céu, reflectindo-se longe. Era tudo horror, estrepito e luto. Muitos julgaram que tinha chegado o ultimo dia de Napoles!

Os religiosos saíram em procissão, de cruz alçada, pedindo em penitencia a Deus que mitigasse a sua cholera, socegando as commoções. Os homens abatidos, tremulos e pallidos, ajuntavam á pressa os objectos preciosos, procurando fugir de uma cidade sobre a qual o braço armado do povo fazia pesar indistinctamente o castigo e a vingança, a ruina e a assolação. Mesmo os mais innocentes nos contratos e nos rigores fiscaes suppunham-se expostos, e calculavam com anciedade o momento, em que lhes tocaria o seu quinhão na desgraça commum. Nas casas dos principaes genovezes, que ainda não eram pasto das chammas, não se ouviam senão lamentos e gemidos. Implicados nas arrematações dos tributos, e assignalados como banqueiros do governo a preço de grossa usura, os monetarios amaldiçoavam já tarde os lucros exorbitantes, e dariam de bom grado a metade da sua fortuna por salvar a outra e as pessoas do risco eminente. E com razão. Quebrado o freio das leis, e solta a pedra da funda, quem poderia dizer o sitio onde ella iria bater?

O povo agora era o senhor; mas um senhor cruel e implacavel, ulcerado e offendido, que se compensava do passado soffrimento com as iras da victoria. Nem o palacio de Cornelio Spinola, cavalheiro qualificado, e valido dos vice-reis, homem honrado e estranho aos abusos dos impostos, foi isento da barbara devastação. Apenas teve tempo para salvar as alfaias mais ricas dentro do castello, acolhendo-se ás

suas torres. A multidão logo depois, rufando tambores e levantando gritas, arremetteu disposta a praticar o que fizera ás outras habitações. Uma ordem de Masaniello chegou porém ainda a tempo de impedir que lhe puzessem fogo, mandando-a respeitar. O mesmo succedeu com a de Navarreta, a quem o povo, por um dos seus caprichos usuaes, passando do odio ao entusiasmo, acclamou por thesoureiro, com maior assombro d'elle, que dos proprios vozeadores. O nuncio da cidade e o visitador, diante das terribes represalias da revolta, soltaram os presos, e mandaram reunir as milicias; encerrando-se com o mais precioso que tinham dentro dos muros da cidadella.

A obra da assolação consummou-se sem obstaculo; e ao outro dia as paredes requeimadas e os montões de ruinas no logar aonde eram as opulentas moradas dos potentados, como padrões de horror, contavam a historia da tyrannia passada, memorando a catastrophe da tyrannia recente. A medida dos crimes e da demencia começava a encher-se contra o povo, como trasbordára pelas extorsões e violencias da nobreza.

L. A. REBELLO DA SILVA.

Aperfeiçoamento nos materiaes que se empregam para conservar os navios. — Este processo consiste em fabricar e preparar composições ou tintas para preservar e proteger o forro dos navios; e para se conseguir este resultado, póde empregar-se qualquer dos seguintes meios:

Primeiro processo. — Tomem-se 8 a 10 partes de fel de vacca; acrescentem-se-lhe 30 libras de carbonato de ferro ou de plumbagina; misturem-se estas duas substancias até se converterem em pó; e ajuntem-se-lhe 4 gallões de agua do mar.

Segundo processo. — Tomem-se 30 libras de carbonato de ferro ou de plumbagina em pó, e cerca de 3 libras do arsenico branco; juntem-se-lhe 2 gallões e meio de alcatrão, de naphta, ou essencia de terebenthina, e 12 ou 14 libras de pez de Suecia, dissolvidas n'uma quantidade igual de espirito de vinho; misturem-se depois até tomarem a consistencia da tinta.

Terceiro processo. — Para conservar o ferro ou o zinco emprega-se um preparado de gutta-percha, que se dissolve no alcatrão, ou naphta, de modo que se lhe dê a consistencia necessaria para poder applicar-se com um pincel.

Quarto processo. — Tomem-se 10 libras de carbonato de ferro ou de plumbagina pulverizadas, e 1 libra de arsenico branco; misturem-se estas duas substancias, e ajunte-se-lhe, aquecendo-o, o cebo necessario para as ligar intimamente; depois póde-se applicar o mixto obtido sobre aquelles objectos que se quizerem conservar.

(*Repertory of patent inventions.*)

Mancira de tirar ás vasilhas o cheiro de bolor. — Diluem-se duas partes de acido sulfurico em dez ditas de agua doce: lavam-se as vasilhas com esta mistura; e passadas duas ou tres horas repete-se a lavagem com diversas aguas, até saírem perfeitamente limpas e claras.

Consegue-se o mesmo resultado, queimando dentro das vasilhas uma mistura, em partes iguaes, de nitrato de potassa (salitre) e enxofre.

Usando d'este segundo meio, deixa-se tambem decorrer o espaço de duas ou tres horas, e procede-se por fim ás lavagens com agua doce.